

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

STEFANNI LAÍS ANDRADE LEMOS

**Memória ancestral: a oralidade como base de resistência e
permanência dos povos afrodescendentes**

**Porto Alegre
Maio, 2022**

STEFANNI LAÍS ANDRADE LEMOS

TÍTULO

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientação: Marcello Felisberto Morais de Assunção

Porto Alegre

Maior, 2022

AGRADECIMENTOS

**A todas e todos que vieram antes e depois de mim, gratidão, existo na
essência de vocês, ubuntu.**

Seguimos!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
a. Objeto e justificativa.....	5
b. As fontes do trabalho e o referencial teórico-metodológico.....	8
c. A divisão do texto.....	10
CAPÍTULO I - Memória ancestral e território: preâmbulos da formação da criança no terreiro.....	11
1.1. Memória ancestral.....	11
1.2. Território.....	13
CAPÍTULO II - A formação das crianças no terreiro: oralidade e tradição.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
FONTES.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	35
ANEXO I.....	38
ANEXO II.....	40

APRESENTAÇÃO

a) Objeto e justificativa

Sou Stefanni Laís Andrade Lemos!

Tataraneta de Laura, bisneta de Dorvalina, neta de Marta e filha de Cláudia. Iniciada na nação Jeje e Nagô pelas mãos de mãe Eloí de Xangô Kaô que é filha Eva de Oxalá Talajó e neta de Eulália de Bará Lanã. Me apresento assim, pois, trago comigo a força da minha ancestralidade, trazer à tona essa tradição é um dos aspectos mais fundamentais que legitimam esse trabalho.

Em um certo dia, conversando com minha mãe de santo sobre as estratégias de resistência e permanência dos nossos ancestrais, ela apontou sobre a falta de escritos no que diz respeito à nossa tradição e como isso é importante para o seguimento das nossas raízes. Quando falamos em escritos referentes à nossa tradição, não estamos dialogando acerca dos nossos ritos e fundamentos. Escrever diretamente sobre nossos princípios é muito complexo, pois o batuque do Rio Grande do Sul é cultuado por nações que representam alguns panteões de África.

Sobre isso entendo que cada terreiro tem um seguimento, uma doutrina correspondente ao panteão de pertencimento. Os panteões mais cultuados aqui são: Jejes, africanos trazidos do antigo Reino de Daomé, hoje conhecido como Benin, também das regiões Togo e Gana; Nagôs, africanos trazidos da Nigéria e os Cabindas, que vieram da região do Congo, Angola, Moçambique e Cabinda. Cada panteão ou nação, como costumamos dizer, tem as suas próprias características, por isso ouvimos muito a frase "fundamento não se discute", pois levamos em conta as especificidades de cada povo, valorizando suas particularidades. É válido ressaltar que dificilmente teremos escritos sobre os nossos ritos, pois a base para a continuidade das nossas tradições é o ato de falar, a oralidade.

Entendo este ato como parte de um ritual de passagem, no qual além de recebermos as palavras, recebemos o ar divino que sai junto com a saliva durante a conversação. Isso corresponde a sacralização do ensinamento passado adiante. Divinizando e fundamentando nossa tradição. Esta conduta revive em mim os itãs

contados pelos nossos mais velhos. Um deles é o itan¹ da criação do mundo por Olodumare², que divinizam o ar que sai da nossa boca enquanto falamos. Esse fato é fundamentado na compreensão do conhecimento do mito que diz assim: “Olodumare com um sopro divino nos deu a vida”. Uma frase pequena, mas com muito conteúdo e ensinamentos. Reginaldo Prandi em Mitologia dos Orixás, fundamenta essa fala trazida dos nossos ancestrais, escrevendo deste modo, “Obatalá modelou em barro os seres humanos e o sopro de Olodumare os animou”. (PRANDI, 2001, p. 506). É evidente que os nossos pais, avós, tios e tias não estão nos comparando ao ser supremo Olodumare e sim valorizando nossas palavras, pois surgimos através dele, sendo assim somos um sopro divino permanente enquanto habitarmos a terra.

Então, quando falamos sobre o baixo número de textos escritos sobre nossa tradição especificamente aqui no RS, estamos pontuando a necessidade de escrevermos sobre nós mesmos, sobre nossa caminhada até aqui e principalmente sobre o nosso amor ao sagrado. Com isso surgiu o seguinte questionamento: como o conhecimento é passado e mantido através da oralidade? Visto que outras religiões utilizam algum livro como base de seguimento, onde expõe alguns de seus procedimentos como acontece no cristianismo e islamismo por exemplo. Isso me faz pensar que o batuque do Rio Grande do Sul acaba não se encaixando dentro do termo religião comparado ao uso de um livro base de seguimento, pois, tem a oralidade como a principal ferramenta das tradições afro-brasileiras, é desta forma que o conhecimento é passado por gerações. Cito especificamente o batuque do Rio Grande do Sul pois é a tradição ao qual pertenço, sendo assim falo do que vivo dentro da nação que fui iniciada.

A criança dentro do terreiro de matriz africana, é a peça fundamental para a continuidade das práticas utilizadas na nossa tradição. O conhecimento é passado para ela e assim ela passará adiante. Neste estudo procuro compreender como é a didática utilizada para a promoção destes conhecimentos, visto que, o processo de construção da identidade está ligado diretamente ao território ao qual pertencemos. É na infância que criamos a capacidade de nos entendermos como sujeitos ativos

¹ Lendas

² Ser supremo, Deus.

dentro e fora da comunidade. A oralidade concebe ao ser enquanto sagrado no seu território, a possibilidade de integração total com a memória ancestral, transportando ao sujeito a divinização das vivências ancestrais. Também é necessário entender como a criança de tradição africana desenvolve-se no ensino regular, visto que os itãs guiam suas trajetórias de vida, elas precisam conciliar a escrita e oralidade ao mesmo tempo.

“Cabe um caminho em que as professoras e professores consigam pensar e agir para além do que está posto nas escolas de maneira convencional, mas, mais do que isso, que as mudanças surjam a partir de referências mais próximas das nossas realidades, pois há muitos anos estamos imersos em um sistema educacional distante”.
(PEREIRA, 2020, p. 29).

Sabendo que na maioria das escolas a didática de ensino é engessada e tradicional, nos cabe enquanto docentes, propiciar caminhos que cheguem até o contexto social ao qual o aluno está inserido. No caso da criança de tradição africana, os caminhos deverão ser pensados numa conversação com o território de nascimento/pertencimento e o território escolar. Entendendo que o espaço educacional é parte fundamental complementar do desenvolvimento da criança, esta após se perceber como parte integrante num todo na escola, se sentirá acolhida, pertencente e representada na grade curricular.

Com o intuito de pensar as pontes entre os espaços escolares formais e os não-formais, compreendemos que a territorialidade e a memória ancestral negro-africana do terreiro fornecem diversos elementos para refundar o ensino e aprendizagem sobre formas menos tradicionais. O que certamente está em diálogo com as legislações educacionais desde pelo menos a *Lei 10639/03*, as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais* (e diversas outras) que reposicionaram o lugar da cultura, história e religiosidades afro-brasileiras nos currículos.

A partir dessas questões este trabalho monográfico se orientou pelas seguintes problemáticas: a) a importância da criança para propagação da tradição africana; a

quebra dos estereótipos negativos relativos aos cultos africanos; b) o empoderamento da criança para que seja um sujeito ativo e consciente das suas origens; c) entender que antes da história contada nos tempos atuais, existe uma história não-oficial dos negros e indígenas que ainda é renegada nos livros didáticos; d) a valorização da oralidade enquanto forma de perpetuar o fortalecimento da cultura afro-brasileira.

Sabemos da importância e influência da cultura africana para o desenvolvimento do Brasil, também sabemos que a lei 10.639 torna obrigatória a inserção de materiais que promovam a cultura afro-brasileira nas escolas, com isso quero ressaltar que na prática isso não vem acontecendo. Nós de tradição africana, quase não nos enxergamos nas grades curriculares, não somos incluídos nos conteúdos programáticos, ou quando assim acontece, é apenas na semana do Dia da Consciência Negra que é no dia 20 de novembro. Se formos parar para analisar, o ano letivo só terá conteúdos da temática afro quando já estiver findando os seus dias, é impossível trabalhar estas questões em uma semana.

O procedimento meramente retórico da “novembrização” da questão negra nos currículos foi analisado por diversos pesquisadores da temática da Educação das Relações Étnico-Raciais como uma forma de perpetuar o poder e privilégio de da branquitude³ que ainda resiste contra uma verdadeira educação plural que integre a complexa e imensa complexidade da cultura brasileira a partir do prisma afro-indígena.

b. Problemática

³ Podemos citar aqui os trabalhos de Wilma e Mauro Coelho nas escolas do norte do Brasil, onde este procedimento retórico da “novembrização” tem inclusive reiterado estereótipos, como estes demonstram na conclusão do artigo: “A pesquisa constatou que o trato com as temáticas eleitas pela legislação se dá de modo superficial. Os conteúdos relativos à História da África, em especial, não foram inseridos de modo a alterar a perspectiva eurocêntrica, hegemônica no trato com a memória histórica. Indício relevante, nesse sentido, é o fato de que a África é percebida, ainda, como um espaço único, demarcado pela natureza, pela pobreza, pelas guerras e pela doença. A dimensão continental, a diversidade étnica e a trajetória histórica da região não são abordadas e, conseqüentemente, não conformam as representações que os alunos elaboram sobre a África, as quais permanecem credoras do senso comum.” (COELHO; COELHO; 2013: 79)”. De forma análoga também encontramos estas constatações nas análises dos livros didáticos de Anderson Ribeira Oliva em suas pesquisas sobre o “branqueamento” da Cleópatra e do Egito, ver: OLIVA (2017).

Este trabalho de conclusão de curso, tem por finalidade responder à seguinte questão: como o conhecimento é passado e mantido através da oralidade? Sabendo que o conhecimento é transmitido de forma oral, me instiga compreender como se dá a permanência destes saberes, visto que não há muitos registros escritos que fundamentam de forma teórica a propagação desta consciência. Acredito que a oralidade carrega consigo diversas formas de conhecimento, no qual não é apenas o ato de falar em si que permeia a mediação e compartilhamento do pensamento afrodiaspórico, e sim as estratégias que a oralidade usa para a apropriação e fixação desta cultura na educação de crianças, jovens e adultos que de maneira quilombola formam um clã que será a base mantenedora da disseminação dos saberes afros em seus caminhos míticos sociais.

A abordagem de pesquisa deste trabalho é qualitativa, na qual busquei compreender com os participantes o entendimento das suas concepções sobre o ato de ensinar nos terreiros. Com isso pretendo também entender como é passado o conhecimento de forma oral, se nesta modalidade há alguma outra estratégia incluída que facilite a absorção desta consciência para que esta seja passada para outras gerações.

A estratégia escolhida foi a pesquisa-ação, onde de forma participativa procuro coletar dos participantes informações primordiais para o entendimento da questão principal deste projeto.

O principal objetivo deste trabalho de conclusão é a coleta de dados significativos que contribuem para um melhor entendimento da tradição africana aqui no RS. A estratégia escolhida é a pesquisa semi-estruturada, na qual haverá algumas questões específicas relativas ao termo oralidade, mas, também contará com a participação ativa do entrevistado, no qual poderá expor seus entendimentos e conhecimentos, como também poderá contribuir para enriquecimento da pesquisa, com informações relevantes que podem surgir através dos questionamentos ou não. Pretendo também transcrever as falas dos entrevistados, no intuito de manter viva as trajetórias destes que são lideranças nos terreiros⁴, ou seja, mães e pais de santos como chamamos aqui no Rio Grande Sul.

⁴ Local de encontro para o culto aos orixás

c. As fontes do trabalho

A principal fonte deste trabalho monográfico foram os entrevistados escolhidos para a pesquisa. As entrevistas foram realizadas pessoalmente e on-line, onde os participantes líderes de terreiros puderam partilhar comigo seus entendimentos e conhecimentos da tradição oral. O recurso utilizado para registrar as respostas dos entrevistados foi o uso de um gravador, com a finalidade de se manter a transcrição fidedigna ao que o participante falou.

d. Revisão Bibliográfica

Há poucos escritos sobre a tradição africana e seus meios de disseminação do conhecimento. Pontuo aqui no decorrer deste trabalho algumas referências que têm sido a minha base para este trabalho de pesquisa, onde consegui enxergar elementos que corroboram com a minha ideia sobre a oralidade e memória ancestral. Aproveito para salientar que a base da cultura afro-brasileira é a oralidade, sendo assim, este trabalho será quase que totalmente alicerçado nos depoimentos que colhi ao longo da pesquisa. A ideia deste trabalho é manter a sacralidade da palavra falada, mas sabendo das normas acadêmicas, é necessário citar aqui alguns escritos lidos por mim durante a minha trajetória enquanto discente do curso de pedagogia.

e. A divisão do texto

O texto está dividido em três partes:

1. Memória ancestral e território sagrado, onde discorro a minha percepção e conhecimento sobre o tema abordado durante esta monografia.
2. Entrevistas, eixo principal deste trabalho, no qual deposito toda a minha crença ao transcrever as falas proferidas pelos entrevistados. Valorizando a memória ancestral de cada representante de terreiro, perpetuando assim a oralidade que simboliza a nossa resistência e permanência.
3. Para finalizar a escrita deste trabalho de conclusão de curso, apresento a minha visão genuína sobre o terreiro ao qual pertenço.

CAPÍTULO I - Memória ancestral e território: preâmbulos da formação da criança no terreiro

1. A Memória Ancestral

Neste subcapítulo vou elucidar o termo Memória ancestral, dentro do que entendo e conheço sobre tal. Sempre ouvi histórias dos meus mais velhos sobre aqueles que vieram antes de nós. Histórias que tinham diversos significados em nossas vidas. Às vezes eram fatos vividos, outras vezes eram fatos contados que foram passados no boca a boca por muitas gerações. Estes permanecerão vivos em nossas histórias e perpetuarão a eternidade, fundamentando e fortalecendo aqueles que virão de nós. Essas falas foram e ainda são possíveis devido à memória das pessoas que as transmitem de forma oral, embasados unicamente na ancestralidade. Não há um ritual ou alguma regra para que essas histórias sejam contadas, é necessário apenas que estejamos reunidos com os nossos, para que surjam naturalmente histórias do passado e também atuais.

“As histórias eram contadas assim, sem mais nem menos. Na conversa cotidiana, as pessoas davam notícias, lembravam fatos, relatavam as novidades. E em meio a tudo isso, as histórias eram contadas. Às vezes, os mais-velhos chamavam as histórias de itans. E não perdiam oportunidade para contar os itans. Bastava haver uma situação que demonstrasse ser preciso alguém aprender uma lição de vida. Havia alguns itans que não precisavam mais ser contados. Era suficiente que dissesse, por exemplo:

-Cuidado com o chapéu de duas cores!

(Póvoas, Ruy do Carmo. A fala do santo, pág.18, 2002)”

Falas informais, que dão sentido a fatos históricos de nossas vidas, nos guiando pelo nosso caminho mítico social. Lembro até hoje de momentos

significativos na minha vida, onde pessoas mais velhas já vividas dentro da tradição africana me falavam assim:

- “Com alguns galhos de ervas, mãe preta boria⁵ a cabeça de todos naquela senzala, mantia a conexão com o sagrado através de uma gota de eḣe⁶, que era responsável pela ligação entre o Orum⁷ e o Aiyé⁸...”

Esta frase se refere ao ato de religamento ao sagrado, ao despertar novamente para a ancestralidade. Dentro das diversas formas de conexão com o sagrado, o ato de borrar é o mais importante, pois é nele que nos conectamos novamente com o nosso processo mítico social. Chamamos este rito de renascimento, onde assumimos de fato nossa ligação com o continente africano e com a divindade que somos.

- “Mãe preta era sábia, era mensageira de Olorum, através da oralidade passava o conhecimento, fortalecendo-nos, permitindo o acesso imaginário das histórias vividas pelos nossos ancestrais.
- Enquanto a chibata batia no seu amor, mãe preta arquitetava em sua cabeça mil maneiras de resistir a mais um dia de tortura e trabalho escravo...

Sábias e estrategistas muitas de nossas ancestrais, mediavam a dor de seus maridos e filhos, encorajando-os a resistir. Essa resistência era nutrida dia a dia, para ter coragem de seguir em frente na busca pela liberdade.

- Mãe preta alimentou muitos com os restos que para casa grande não serviam mais, inventou a feijoada, também o mocotó...

Tudo que para a casa grande era descartável, servia para os nossos como tática de sobrevivência. Visto que o alimento fornecido pelos senhores de escravos, eram de péssima qualidade e pouco nutritivo, levando em conta todo o esforço diário ao qual eram submetidos. Era necessária muita estratégia e conhecimento das memórias ancestrais, para o encorajamento da luta pela continuidade do nosso povo.

⁵ Oferenda a cabeça e ao orixá.

⁶ Sangue, animal, mineral ou vegetal.

⁷ Céu.

⁸ Terra.

- Tem caroço nesse angu? Tem sim sinhô! O caroço era um pedaço de carne escondido para que os irmãos pudessem ter proteínas para seguirem adiante.

A base alimentar no prato dos nossos ancestrais durante a escravidão, era o angu, que pra nós aqui no RS chamamos de polenta. A carne que não fosse restos e partes não usadas pela casa grande, não era fornecida aos escravizados, sendo então escondida pelas mucamas de dentro de casa dentro do angu, para que tivessem acesso aos nutrientes da proteína da carne.

- Mãos pretas que colhiam o algodão branco, mãos pretas que carregavam os senhores de engenho em suas costas, mãos pretas que colhiam o café, mãos pretas que sustentavam e ainda sustentam este país...

Talvez umas das memórias mais importantes que já ouvi dos meus mais velhos. Isso me fez entender o quanto a nossa raça é forte, o quanto lutamos diariamente para seguirmos em frente, em busca de dias melhores. Se eu não tivesse esse acesso da memória dos meus mais velhos, provavelmente não estaria aqui escrevendo esta monografia, honrando e perpetuando aqueles que vieram antes de mim.

- Com a fama de cultuarem os " santinhos do pau oco" seguimos em frente, porque os santos eram sim ocos, pois carregavam dentro deles o OKUTÁ⁹, nossos orixás¹⁰, voduns ¹¹ e inkices¹² que para muito além de santos, são divindades, são ancestralidade e natureza, são vida em movimento.

Graças a memória ancestral temos acesso ao que de fato foram os nossos ancestrais.

1.2. - Território sagrado

Neste subcapítulo irei expor a importância do território para a transmissão das nossas tradições.

Desde muito nova sempre ouvia da boca dos meus mais velhos que o que há

⁹ Pedra que representa nossas divindades.

¹⁰ Divindades vindas do reino nagô.

¹¹ Divindades vindas do reino Jeje.

¹² Divindades vindas do reino Bantu.

de mais sagrado em nossa concepção de território, é o solo em que pisamos. É através deste solo que poderemos percorrer por outros caminhos sem corrermos o risco de nos afastarmos da nossa memória ancestral, pois é ela que nos mantém conectados ao solo que para nós é muito sagrado. Durante o processo diaspórico perdemos parte do pertencimento do solo africano, o físico, visto que a escravização de africanos se mantém permanente na história da humanidade.

Michael Pollak, quando diz que "A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo" (POLLAK, 1991, p.10), me estimula a afirmar o quanto a memória ancestral, de forma coletiva, e a desumanização dos africanos trazidos escravizados, desconfigurou de forma bruta toda e qualquer ligação com as tradições africanas por um certo tempo. Fundamentada em Chimamanda e nas minhas vivências afirmo que histórias também podem reparar a dignidade perdida. É através da oralidade, das histórias contadas pelos nossos ancestrais e do exercício de reumanização através destas que o nosso povo de forma aquilombada resistiu e ainda resiste. A oralidade foi e ainda é a nossa principal ferramenta de defesa para a resistência e permanência das nossas tradições. É com base nesta memória que seguimos fiéis ao orgulho de sermos quem somos, de estarmos em luta constante para defendermos a imagem e memória daqueles que resistiram a escravidão para que hoje aqui estivéssemos. Somos a herança viva da continuidade dos costumes e tradições trazidos de África durante o processo diaspórico, no qual tentaram apagar as nossas referências e a nossa identidade.

Falar em territorialidade e com isso relembrar a importância desta na construção do sujeito, trouxe uma imersão nas minhas memórias ancestrais. Recordar me deixou angustiada e saudosa aos que já voltaram a massa de origem. Apesar disso, me fortaleço ainda mais para continuar buscando e revigorando o meu pertencimento, honrando a memória ancestral que me mantém viva.

Discutir a noção de território, é colocar em questão o sentimento que carregamos sobre quem somos dentro deste e o que somos para quem está fora dele. Sabendo disso, é válido pautar que o que nos caracteriza dentro território a nível de pertencimento, é a paisagem que ele forma ao longo dos anos. Através das diversas mudanças que os sujeitos habitantes realizam, a fim de expressar nesta sua cultura

e tradição. No meu território de pertencimento, posso afirmar e expor aqui que, somos rodeados de uma flora que busca conversar com a nossa ancestralidade¹³.

Nela, temos espalhado de forma estratégica diversas plantas e árvores que estão diretamente ligadas ao nosso sagrado. “Os locais de culto precisam ser privilegiados pela natureza, o máximo possível” (LOPES Nei, Kitábu, pag.227). Quando falo em sagrado falo automaticamente em ancestralidade. É através do credo a herança ancestral que conseguimos forças para permanecermos vivos. Com isso passamos adiante nossas lutas e trajetórias de resistência e permanência.

A leitura espacial de quem está fora do território deveria ser nítida ao que ela representa, com isso quero dizer que as manifestações culturais e a manutenção da tradição, deveria ser para os outros tão importante como é para nós que estamos dentro do território. Mas de fato não é assim que acontece. Nossa geografia e nosso pertencimento ao sagrado gera em certos grupos desconfortos e sentimentos ruins, onde fortalecidos pelo racismo institucional se acham no direito de impor sua raiva por pensar que só o seu pertencimento e sua crença que são válidas.

Silvio Almeida fundamenta este meu pensamento, quando escreve que o racismo institucional é parte dos conflitos racializados por uma sociedade de norma hegemônica branca.

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. (ALMEIDA, 2019, p. 27).

É conveniente destacar que as leituras espaciais e suas geografias foram e ainda são o motivo de diversos tipos de guerras. A evidência deste fato está nos livros. É através dos mapas geopolíticos, que podemos visualizar de forma nítida a invasão

¹³ Esta noção de território tem sido levada a cabo por pesquisadores como Amailton Magno de Azevedo ao pensar a recriação de pequenas Áfricas em São Paulo a partir de territórios ligados à formas de expressão cultural, religiosa e intelectual afro diaspóricas, ou seja, desde o terreiro, passando pelas escolas de samba até o hip-hop, ver: AZEVEDO, 2016.

de territórios. Sabemos bem o que isso tudo resultou em apropriações culturais e despertencimento dos povos originários daqueles territórios. O desligamento da memória ancestral, o enfraquecimento dos sujeitos diante da sua fé e crença, fez com que estes ficassem maleáveis e de fácil manobra para ascensão das crenças de outros povos. Posso dizer que isso nos matou por algum tempo, por alguns anos. Fomos salvos pela nossa memória ancestral. Esta memória nos deu acesso ao que éramos antes das invasões territoriais, resgatando nossas tradições e nossa cultura. Este movimento deu forma novamente a nossa geografia de raiz que de forma tática era e ainda é moldada para que pudéssemos dar seguimento aos ritos tradicionais trazidos de África. Por isso estamos aqui, é através dessa memória que estou neste momento escrevendo essas linhas, no intuito de mostrar que o solo além de sagrado, é a base de resistência de diversos povos. Seguimos vivos seja pela luta da conquista do solo, seja pela permanência nele, ou seja, pelo desejo de permanecermos vivos através dos nossos descendentes, pois só é possível que sigamos em frente por eles, por nós e principalmente pelos nossos ancestrais.

Estar ligado ao território é carregar em si um sentimento que nos torna invencíveis, pois somos condicionados ao solo. O solo de forma concreta, nos dá a base de sustentação para que sejamos capazes de lidar com as diversas situações que poderão existir ao longo da nossa estadia nele. De forma não concreta o solo nos dá a certeza que a nossa existência se perpetuará através dele, pois a terra enquanto lar será modificada de acordo com nossas necessidades e tradições, carregando por gerações as características dos que vieram antes de nós, isso é permanecer vivo mesmo após a morte. Como reiteram Jader Lopes e Marisol Mello:

“Porém o ser e estar no mundo é uma experiência espacial. Esse espaço que me é dado pelas gerações e histórias que me precederam e que construíram uma geografia própria que singulariza cada localidade na superfície terrestre, que a torna única e possibilita a nossa existência”. (LOPES; MELLO, 2009, p. 126)

Na minha tradição costumamos dizer que somos o que somos porque nossos ancestrais foram o que foram. Nossos descendentes seguirão nessa mesma perspectiva. Lembro-me da forma que era o pátio onde mora a minha família, lembro

das árvores, do portão e cerca de madeira, das plantas medicinais, das dores que elas curavam, da família reunida, das divisões do território, do convívio em forma de quilombo, do respeito aos ancestrais, da manutenção da existência deles nas crianças para que crescessem com o sentimento de pertencimento. Isso tudo me tornou a mulher que sou hoje. Sigo em frente com a garra e determinação que me foram ensinadas. Assim segue para o meu filho e para os filhos dele, para que num futuro não muito distante possamos sentar-nos no mesmo território e conversar sobre como chegamos e como permaneceremos vivos na memória daqueles que virão de nós. Entendendo que somos a extensão móvel do nosso território, é válido pontuar que carregamos em nossos corpos a memória viva do continente africano. Assim também pontua em seu texto Dantas.

“A história desenvolve-se sempre em referência a um território, e com a proposição de uma filosofia diaspórica africana torna-se crucial projetar uma geopolítica do conhecimento que abarque a África como horizonte filosófico e, concomitante, protagonize os territórios dos corpos negros”. (DANTAS, 2018, p. 183).

Carregamos em nossos corpos tudo o que a África representa para nós. Nossas roupas, indumentárias, panos, turbantes, brincos, colares e guias, são objetos transicionais, nos quais nós amparamos diariamente para seguirmos em frente, numa luta constante para o reconhecimento da importância do continente africano para o mundo. Nossos corpos expressam em seus movimentos e linguagens a herança ancestral vinda do continente africano. Nos movimentamos, cantamos e dançamos para as nossas divindades dentro do que conhecemos das tradições da nossa nação de pertencimento, a qual fomos iniciadas e iniciados durante o rito de renascimento ao culto dos orixás.

Capítulo II – A formação das crianças no terreiro: oralidade e tradição

Este capítulo fundamenta de forma escrita as palavras sagradas expressadas pelos nossos mais velhos. Por aqueles que carregam em si a força de todo o terreiro, aqueles que são responsáveis por toda a comunidade, seja ela praticante ou não das tradições africanas e afro-brasileiras. Ser liderança em um terreiro, vai além de ser mãe ou pai de santo. A liderança é responsável por tudo que acontece dentro do local de culto ao sagrado, é ela quem conduz os ritos, o renascimento, as rezas, as oferendas, as festas. É ela quem sustenta como um pilar todas e todos que frequentam o terreiro.

Quando falo em renascimento, estou pontuando o fato de que nascemos na primeira vez através do portal sagrado que é nossa mãe carnal, onde esta é responsável por nos trazer a este mundo terreno em segurança, para que possamos seguir o caminho que nos foi destinado pela divindade suprema. Quando somos iniciados no culto aos orixás, renascemos pelas mãos de nossas mães ou pais de santos. Estes são os mediadores dos ensinamentos litúrgicos em devoção às divindades africanas, é através das mãos deles que somos religados ao continente africano. Todo este processo é alicerçado na tradição oral, no qual é passado o conhecimento e ensinamentos dos nossos ancestrais, isto é, manter a tradição viva dentro de nós, que somos instrumentos ativos na propagação da palavra que a nossa literatura oral. Esta literatura que é expressada totalmente de forma oral, só é possível e existente pelo uso da nossa memória ancestral e coletiva, como diz J. Vansina quando escreve que “o corpus da tradição é a memória coletiva de uma sociedade que se explica a si mesma”. (VANSINA, 1982, p.140)

Ao transcrever as memórias dos líderes representantes dos terreiros, penso estar contribuindo para a continuidade da nossa história. A tradição oral está para nós batuqueiros da mesma forma que a bíblia está para os cristãos, sagrada! Particularmente vejo a bíblia como um livro pertencente a toda a humanidade e isso me faz lembrar de uma fala da minha mãe de santo durante uma conversa sobre ser sagrada a saliva que sai quando falamos. Ela cita uma parábola da bíblia onde Jesus

cospe no chão, junta a saliva com a terra e passa nos olhos de um cego, esta volta a enxergar. Ela usou esta história para complementar a nossa conversa, onde afirmamos o quanto o ato de falar é sagrado, pois durante esta ação é expelido de nossa boca partículas minúsculas de saliva, que podem tocar as pessoas, cair no chão ou em superfícies. A saliva por ser sagrada sacraliza a nossa fala, selando com a verdade tudo o que expomos oralmente.

A criança é a portadora responsável por eternizar a nossa tradição. Como já foi citado neste texto, a criança é a chave que une todas as encruzilhadas, é ela que passará adiante e, por este motivo, é necessário a atuação ininterrupta do terreiro como um espaço que respeita todos os saberes. Assim a criança terá subsídios que irão fortalecer o seu desenvolvimento escolar, onde ainda há uma educação engessada que não representa de forma positiva a trajetória do povo preto. Marco Aurélio Luz embasa teoricamente isso no trecho abaixo.

“É evidente que há muita diferença entre os conteúdos que formam a visão de mundo negra e a projeção ideológica neocolonialista da escola oficial, caracterizada especificamente pelo recalçamento da presença dos processos civilizatórios constituintes da nação, elegendo como universal o processo civilizatório europeu”. (LUZ, Marco Aurélio, 2011, p. 100).

Por isso a importância do fortalecimento de nossas raízes desde sempre na vida da criança, pois ela precisará se reconhecer como pertencente a uma nação. Sabemos que através dos livros didáticos isso não será possível, então, sejamos nós povo de terreiro, os semeadores orais de nossas histórias e trajetórias, valorizando os seres divinos que somos. Precisamos fortalecer este movimento para que a evasão escolar seja erradicada, pois como diz Marco Aurélio, a criança acaba não se enxergando no contexto exposto nas grades curriculares, nem ela nem sua família e muito menos a sua religião.

Na tentativa de erradicar alguns estereótipos e a evasão escolar por parte dos cultuadores das tradições africanas, é que transcrevo as entrevistas realizadas com os líderes de terreiros, que teve como objeto “suleador¹⁴” as seguintes questões:

1. Conte como as crianças participam do terreiro em que você é liderança. Você pode contar das crianças da comunidade em geral e também das que estão na vida cotidiana do terreiro;
2. Narre sobre como acontece o ensino dos conhecimentos do terreiro para as crianças;
3. Como você compreende o papel do terreiro de matriz africana para o desenvolvimento vital das crianças na comunidade em geral e no espaço do terreiro em específico?;
4. Explique movimentos e ações do terreiro para romper com os preconceitos e estereótipos que não são positivos sobre as tradições africanas?;
5. Visto que o conhecimento é passado de forma oral, qual é o papel do terreiro para o desenvolvimento da criança no ensino tradicional?

Primeira entrevista

Pergunta nº 1

Sobre as crianças que não eram diretamente do terreiro falou assim: “Primeiro a caridade, os passes, o conforto. Vinham também receber ajuda, como no natal, que ganhavam presentes e cestas básicas.” Sobre a importância da criança no terreiro ela fala das crianças que chegaram ali nas barrigas de suas mães, principalmente as médiuns da casa, no qual teve uma que recebeu obrigação com o filho na barriga, automaticamente entendemos que este também foi borido. Falou de outra médium que chegou no terreiro com 12 anos e outro com 14 anos. Também lembrou que o meu filho também chegou no terreiro na minha barriga, do pai dele que também chegou na barriga da avó dele, de todas as médiuns que viveram intensamente a vida no terreiro e tiveram seus filhos dentro desta ideologia. Pontua “meu terreiro tem mais de 70 anos”.

¹⁴ Entendemos que a bússola que nos move está direcionada ao sul do mundo e não ao norte.

Pergunta nº 2

Ressalta que aprendem muito no terreiro, mas, alguns não dão continuidade. Os que deram continuidade aprenderam muito com a doutrina através da preleção e da conversa feita antes de cada ato de culto, seja na umbanda, quimbanda ou nação, em que antes de qualquer movimento, são feitas preces e ensinamentos. Comento - isso ajudou a formar o caráter deles né! Ela complementa dizendo assim: ajudou muito a formar o caráter deles, não saíram doutores, intelectuais, mas saíram pessoas de bem. Concluo - é o que importa né? Ela responde que todos que passaram pela casa não tem registro na polícia. Comentamos que a casa sendo de Xangô o orixá da justiça e com a procissão do Ogum que tem mais de 60 anos, é melhor andar na linha.

Pergunta nº 3

Pontuamos juntas numa conversa descontraída durante a entrevista, a importância das crianças para a continuação dos ritos tradicionais. No qual ressaltamos o ato de carregar o estandarte da nossa casa durante a procissão do Ogum. Este estandarte foi carregado por anos por uma irmã de santo e, depois ela passou o posto para a filha dela e para o meu filho, que passaram a levar a bandeira da nossa casa, com respeito e devoção que lhes foi ensinado. A mãe Eloí conclui dizendo “que estas crianças nasceram e foram criadas no terreiro”. Pontuando o quanto o terreiro agrega no desenvolvimento da criança.

Pergunta nº 4

Mãe Eloí afirma que a convivência no terreiro ajuda a fortalecer a criança enquanto sujeito, que o terreiro em si é formado pela raça negra, tem muitos brancos pontua, mas a base é negra. Comentou de um médium da casa que era branco e recebia uma entidade negra, um preto velho da linha de umbanda. Este preto velho contou que o médium pelo qual era responsável era a reencarnação do tataravô dele, ou seja, foi escravo em outra vida e por isso veio com a missão de se desenvolver dentro da tradição africana e afro-brasileira. Essa história contada ajuda a quebrar parte dos preconceitos raciais.

Pergunta nº 5

Mãe Eloí fala que não temos um livro sagrado, assim como o alcorão e a bíblia, nosso livro é a palavra. Fala que tem uns “livrinhos” escritos por aí, mas estes não compactuam com a nossa realidade. Com isso entendo o quanto a palavra proferida é sagrada, é bendita e atua de forma legítima a nossa nação.

Segunda entrevista

Pergunta nº 1

A entrevista começa com a seguinte frase da entrevistada “Se está acontecendo é porque Èşù¹⁵ permitiu”, essa fala vem para fortalecer o caminho que estava sendo iniciado durante a nossa conversa.

Ao perguntar sobre como é a participação da criança no terreiro, ela responde desejando-nos um bom tempo, visto que este trabalho permanecerá fixo no tempo. Um terreiro só poderá existir se houver a criança, a tradição é viva e vivida através da vivência desta criança. A criança sustenta-se através da palavra escrita de forma falada. Mas não é só a palavra falada que forja esta criança, que poderá ser iniciada ou não, porque no momento em que ela nasceu no terreiro ou entra no mesmo, ela já está iniciada nesta forma de vida. Nós temos uma civilização sustentada e forjada na oralidade, nas escrituras faladas e a oralidade está muito mais profunda e para além da palavra falada, é uma palavra movimentada, então têm a ver com o modo de vida daquilo que a gente faz todos os dias no terreiro, que é: pedir a bênção; dizer que essa água é abençoada; que estar vivo é uma providência divina; que a criança é divina, o corpo dela é sagrado e como tal deve ser tratado; que as brincadeiras, os trabalhos, os afetos; o jeito de pentear os cabelos; a nossa estética, nossa ética; os toques; as indumentárias; os instrumentos sagrados, tudo isso faz parte da oralidade. A criança quando chega no terreiro vai vivenciá-lo através do toque, do som, da percepção, do tom de voz dos comandos de toda a legislatura do terreiro, do que é regra e quem tem que ser cumprido dentro deste espaço, é assim que a criança vive a tradição. Ela vai aprender através destas vivências que está em cada detalhe, nos brincos, colares, se são de metais ou de sementes, para qual finalidade é cada semente. É um conhecimento dinamizado passado de forma global, pois cada particularidade carrega em si uma história, um aprendizado. Por exemplo, as

¹⁵ Conhecido aqui no RS como Bará, é o primeiro orixá a ser reverenciado e é ele que abre os caminhos.

sementes usadas, poderão ser adornos, chocalhos, ferramentas de proteção. Assim que a criança aprende e nunca mais esquece. Porque a memória é vivida, extraída e colocada no aqui e agora, em função da importância e desta relação que temos com a natureza que a tratamos como sagrada, das pessoas que também tratamos como sagradas, e assim segue para tudo o que elas fazem ou produzem. No terreiro se aprende não só pela palavra falada, mas também através do olhar, do som, pelo modo de caminhar e pela estrada que se fazem estes caminhos, é assim que todos nós aprendemos”.

Pergunta nº 2

“Ao responder a segunda pergunta, a entrevistada ressalta que “a criança que nasce no terreiro e a que renasce nele, recebe uma escritura. É feita uma avaliação na busca de uma palavra divina, extraída através do oráculo que é o nosso sistema divinatório de consulta ao sagrado, para determinar quem é a divindade que governará a vida desta criança. Através do jogo de búzios buscamos saber a quantidade de massa bio mítica que tem esta criança de vários deuses da África. Com isso a autoridade do terreiro consegue perceber se esta criança tem mais massa bio mítica de Ogum, Xangô, Obá ou de outras divindades africanas. A massa bio mítica se dá ao movimento que Olodumare faz no universo, em que ele rapidamente passa por este e colhe micropartículas para gerar o ser humano. Então se ele foi no universo e recolheu muito mais água, partículas de água e tudo que ela contém, essa pessoa provavelmente será de Oxum. Se Olodumare buscou mais micropartículas da essência da vegetação, essa criança provavelmente será filha de Ossanha, Odé e Otim ou Ogum. Se Olodumare recolheu mais massa bio mítica daquilo que é pedra, daquilo que é fogo a criança será de Xangô ou de Oyá. Lidamos com os quatro elementos da natureza e dentro deles as respectivas divindades dominadoras destes. É baseado nisso que a criança saberá a qual divindade deverá seguir a sua legislatura. Essa criança também recebe um Orukó, este também será sua base de força, no qual dia após dia pronunciará seu nome reconstruindo e se fortalecendo nessa vida. Se aproximando da divindade, mantendo viva a imagem desta para a eternidade”.

Pergunta nº 3

“O desenvolvimento da criança é passar todo esse conhecimento, essa palavra escrita, essa oralidade. A palavra tem o poder de criar, recriar e de destruir. A manutenção deste modo de transmissão, que é a palavra vivenciada da nossa oralitura, se dá através do terreiro que tem o papel de lembramento desta palavra vivida, revitalizando os valores civilizatórios, nossa ética e estética. Então toda vez que trançamos o cabelo de uma criança, estaremos mantendo viva a nossa tradição, porque dependendo do grau, do clã ou da hierarquia, aquele penteado carrega em si toda uma leitura, história e significados. Assim segue com as roupas e adornos. A maneira de mantermos a tradição viva, também se dá através dos contos, itãs. Assim se dá a revelação dos valores civilizatórios africanos. Embora estejamos lidando atualmente com a estereotipação da África, nós de terreiros mantemos vivo o costume de reverência, divinação e hierarquização, assim cuidamos uns dos outros e da natureza”.

Pergunta nº 4

“O nosso terreiro tem algumas incursões. Tenho um programa em uma rede social que se chama ‘E agora terreiro?’, que surgiu depois da tragédia com o menino Miguel, num movimento de que temos que fazer alguma coisa, pois quando vi aquela chamada anunciando que aquela criança tinha falecido, no primeiro momento parecia que ela pertencia àquele grupo social. Mas não! Ele era o filho da empregada, que por força maior em função das atividades laborais, estava passeando com o cachorro da patroa, enquanto o seu filho é execrado da sociedade, excluído pelo mal-cuidado desta mesma patroa, que ficou responsável pelo filho de sua empregada, enquanto esta nem cogitava a ideia de soltar o cachorro na rua, vemos aí o tamanho da responsabilidade envolvida. Isso foi chocante para mim, neste momento me requisitei, perguntando onde estão as mães em apoio? Até quando vamos perder os nossos filhos?

Atividades no terreiro, como grupo de estudos sem os recortes da academia, aqui mantemos a verdade da nossa história. Damos suporte a comunidade através das redes sociais, formando assim um território sagrado midiático, pois a comunidade em si pede isso, está conectada diuturnamente na internet, então esta também é a nossa ferramenta de manutenção e permanência da nossa tradição”.

Pergunta nº 5

“Nós não precisamos de nenhuma escritura para sabermos de onde viemos e para onde vamos, pois a palavra escrita é diferente da palavra vivida, isso é a oralidade. A escola ainda é cartesiana e precisa da palavra escrita para defenderem uma história eurocêntrica. O papel da oralidade é manter vivo todo o conhecimento negro africano dentro de cada um de nós, dentro daquilo que cada um preserva e que a sua memória ancestral contém. Toda a nossa história acontece através do lembramento diário. A nossa tradição oral tem o papel de contraposição, mostrando ao mundo que há uma outra forma de ver, de falar, de viver e de aprender, é um contraponto. Tenho certeza que se toda a civilização prendesse da forma que ensinamos, por essa oralitura, como essa questão da matrilinearidade, da matriz potência, da compreensão dessa potência maior da humanidade africana sem precisar ter um livro onde é dito isso. Todo o ocidente teria manifestações de humanidade. A humanidade surge através dessa relação carnal, espiritual, relacional com a natureza, com a força de cada ser humano, de cada espírito. Se o ocidente pudesse ensinar através de oralituras¹⁶, os homens deste ocidente seriam mais humanizados. É a contraposição, o inverso, esse é o grande ensinamento. Ao tempo que eles temem o conhecimento e a força do amor, nós empreendemos essa força, nós sustentamos a força familiar. Enquanto eles precisam da leis para seguirem as normas, nós não precisamos de lei nenhuma escrita porque a nossa lei maior é essa relação afetiva e amorosa com os deuses, com as deusas e com os homens e mulheres deuses e deusas. Não precisamos de nada escrito para vivermos em perfeita harmonia com o universo”.

Terceira entrevista

Pergunta nº1

“Primeiramente gostaria de dizer que temos muitas crianças no terreiro, tanto na nação como na umbanda, embora este não seja de Oxum é de Oyá. Crianças iniciadas, que praticam as vivências no terreiro, ficando perto do tambor, tocando agê, aprendendo os cantos e os toques. Colaboram nas obrigações da casa, escolhendo milho, levantando as obrigações, ajudam a lavar as vasilhas. Sabe como é né, estamos sempre com o quarto de santo cheio de obrigações, sempre com o axé pro

¹⁶ Grifo da entrevistada

santo, estamos sempre renovando, lavando, limpando e despachando. Quando realizamos as nossas reuniões de encontro ao sagrado, algumas crianças atendem as entidades, contribuindo para o seu desenvolvimento. Aqui é um terreiro, um espaço sagrado. Temos espaço para tudo, inclusive para as brincadeiras, tudo isso com respeito aos espaços específicos de culto sagrado. Estamos sempre explicando à criança qual é o papel dela aqui.

Pergunta nº 2

“O conhecimento no terreiro é aquela coisa que digo sempre e serve pra todo mundo, tu quer aprender, tem que estar dentro do terreiro. É fazendo, é lavando. Quando tu limpa uma tigela que o santo comeu, antes disso a criança aprendeu como preparar o alimento que foi oferecido à divindade naquela tigela. O que eu digo é que as crianças precisam participar de todos os rituais, pois não existe uma apostila ou um livrinho explicando, isso faz parte da convivência dentro do terreiro. Um terreiro se constitui na ideia de coletivo, sendo assim as crianças aprendem através da convivência com os irmãos, com a comunidade em si. Sabem cantar rezas, sabem os nomes dos orixás, sabem as etapas de cada momento vivido aqui, através da oralidade. É nessa prática que vamos nos construindo enquanto batuqueiros.

Pergunta nº 3

"Você sabe que nos preocupamos muito com isso, e uma coisa que eu gostaria de ter aqui dentro do terreiro é uma espécie de laboratório de aprendizagem para ajudar as crianças. Nós tivemos muitas crianças agora durante o período de pandemia que tiveram dificuldades no processo de aprendizagem escolar. Algumas filhas da casa que são professoras ajudaram alguns pequenos nessas questões da aprendizagem formal. Aqui nos ensinamentos do terreiro eu não me preocupo, conseguimos dar conta, mas e no ensino regular? Temos um filho da casa que em função de problemas de saúde e pandemia, não pôde frequentar a escola, com isso teve muitas dificuldades para avançar na escola. Nós aqui do terreiro auxiliamos ele e outros pequenos neste processo de aprendizagem escrita, que é bem diferente do que vivemos no terreiro.

O terreiro é um espaço social, onde aprendemos a viver em sociedade, então a partir do momento que as crianças estão inseridas dentro deste fazer comunitário, vão aprendendo a viver dentro sentimento de empatia pelos outros e no respeito aos mais

velhos e mais novos. São coisas que eles levarão para escola, para a vida. Estamos atentos a tudo, não é só passar uma vela, um axé, aqui também é um local de escuta, onde refletimos quais transformações teremos que fazer para nos tornarmos pessoas melhores”.

Pergunta nº 4

“Eu procuro sempre mostrar que a minha religião é negra, que os orixás são negros e não vem pra cá com essa conversa de Iyemanjá branca. Tenho muitos momentos dentro do culto religioso para conversar sobre preconceito, negritude, valorização e sobre diáspora. Então em vários momentos durante o ano, paramos e aprendemos juntos sobre a nossa ancestralidade. Temos um projeto com uma filha que estuda história, onde resgatamos parte do nosso passado, na tentativa de uma busca ativa sobre a nossa história. Eu procuro falar das coisas que já estudei, como memória cultural do negro dentro da literatura, trazendo a própria religião como força para essa busca. Nosso intuito é para que o terreiro continue sendo um espaço de luta contra o racismo e contra qualquer tipo de preconceito”.

Pergunta nº 5

“O ensino tradicional peca muito, temos crianças maravilhosas com aprendizagem fácil, aí quando batem nesses conteúdos formais a criança fica atrasada e não consegue avançar. Eu acho que a escola precisa se reestruturar, se reformular e precisa rever essa situação. Temos crianças aqui que são muito espertas, fazem argumentações, reflexões, inferências, análises e são perspicazes, mas, chegam na escola e não estão bem, qual é problema com esta criança? O problema não está na criança, está na escola que é velha, rançosa. Ainda temos professores que só passam conteúdos no quadro, não temos mais como manter isso, realmente a escola precisa mudar, precisa rever sua metodologia.

Quarta entrevista

Pergunta nº1

“Eu vejo a importância das crianças da minha comunidade no nosso terreiro pela seguinte maneira: uma pelo fato da gente morar em um bairro pobre e entre aspas

perigoso, então eu acho que no momento que elas estão no terreiro se sentem acolhidas e eu sinto que estou dando uma proteção a elas. As crianças que fazem parte diretamente do meu terreiro aprendem a umbanda de uma forma clara e limpa, assim conseguem ter discernimento em suas vidas”.

Pergunta nº 2

“Neste momento eu procuro não só para as crianças aqui do terreiro mas para todas que aqui passam, transmitir o ensinamento um pouco diferente da maneira que aprendi, mas seguindo a tradição. Procuro chamar para conversar, mostrando como é e como funciona a umbanda, assim vão aprendendo e evoluindo e assim faço a minha parte”.

Pergunta nº3

“Eu acolho e faço muitas coisas tanto na parte da espiritualidade quanto na parte pessoal e material, pois aqui fazemos muitas doações de roupas, comida, materiais escolares, festas e mesas de doces, assim a criança se sente acolhida”.

Pergunta nº4

“Acredito que essas ações são importantes para o desenvolvimento da criança. Essa é uma maneira de tirar a criança da vulnerabilidade e da marginalidade. Infelizmente, muitas vezes temos que tirar as crianças do convívio dos pais, no sentido que dentro de casa muitas vezes é um lugar perigoso. Então a gente trazendo esta criança para o terreiro, conversando e ajudando nestas questões a criança se sente protegida, acolhida e compreendida, isso salva vidas”.

Pergunta nº5

“O papel do terreiro neste sentido levando em consideração que não temos um livro sagrado, não temos nenhuma cartilha, eu sou a cartilha da minha casa, eu sou o próprio livro sagrado da minha casa, aquilo que eu aprendi tento passar dando o melhor conhecimento para a criança e, como eu digo mesmo a criança dentro da umbanda ela precisa ter a escola, pois entendendo o ensinamento da escola, entenderá melhor os ensinamentos da umbanda”.

Quinta entrevista

Pergunta nº1

“Vejo que a importância da criança está no aprendizado, na transmissão dos cânticos para que servem, pois estas crianças serão as lideranças do terreiro no futuro. As rezas e os pontos são importantes pois é uma das maneiras que invocamos os orixás, caboclos, pretos velhos, ciganos, cosmes e exús.”

Pergunta nº2

“A melhor maneira de aprender é praticando, pelo menos pra mim foi assim, na prática, pois a criança viverá a situação. Os toques do tambor se aprendem ouvindo e tocando sempre”.

Pergunta nº3

“Eu vejo como um espaço que serve para tirar a criança da rua, mostrando o caminho certo, o caminho correto. Melhor estar dentro do terreiro aprendendo sobre a sua religião, sobre os fundamentos ajuda bastante no desenvolvimento da criança. Os que passaram por mim pelo que eu sei seguiram no caminho correto”.

Pergunta nº4

“Sim com certeza, a religião não ensina nada ruim para as pessoas, a religião só vem para somar, a maldade e a bondade está na pessoa”.

Pergunta nº5

"Para aprender a ler e escrever a criança tem que aprender a escutar e a entender as coisas, a criança tem que escutar, assimilar e raciocinar tudo o que está aprendendo. Isso ela levará para a escola, isso vai lhe ajudar a aprender e se desenvolver no ensino regular.

Existem alguns eixos fundamentais que foram explicitados (e didatizados) nessas entrevistas. Primeiro a ideia do terreiro como instância dupla de formação e amparo de uma comunidade. Nessa linha, concebemos o terreiro como um entre tantos outros espaços do que a profa. Nilma Lino Gomes chamou de “Movimento

negro educador¹⁷” (2017). Os seus agentes, aqui entrevistados, funcionariam não só como ponte para a espiritualidade, mas também como intelectuais insurgentes (para usar a expressão de bell hooks, 1995) que constituem, por meio da solidariedade e do antirracismo, resistência contra a branquitude e o seu poder enquadrador.

Hooks menciona a ideia de um trabalho intelectual como aquele que fundamenta a insurgência e a auto-organização de uma comunidade, por meio da solidariedade de apoio mútuo, nada mais coerente com o trabalho organizado nos terreiros, sendo esta a percepção dos agentes aqui entrevistados. As memórias destes, e a sua experiência, fornecem formas de interpor a memória coletiva nacional, construindo formas “subterrâneas” que sobrevivem por meio do que Michael Pollak chamou de “redes de sociabilidade afetiva e política” (POLLAK, 1991, p. 9), tendo como elo unificador a imagem da África e suas recriações culturais na diáspora.

Mas, voltemos ao tema das aprendizagens, segundo os relatos aqui expostos. Percebemos também o quão o poder da “tradição viva” (das oralidades) e da sua transmissão está associado não a necessariamente uma ausência de uma habilidade, mas sim a uma imensa capacidade de transmissão dos valores e elementos de África, aqui reinventados à nossa maneira. Transmissão que busca dar conta das mazelas de um ensino ainda demasiado eurocêntrico e branco, é que exclui outras contribuições para a formação social brasileira. Essas experiências de aprendizagem no terreiro, deveriam ser apreendidas para que efetivamente haja a construção de pontes que forneçam aos alunos a experiência da tradição viva africana diaspórica no presente. É em razão disto, e da manutenção dessa memória, que construímos esse trabalho.

¹⁷ Em sua definição mais geral Gomes aponta para as seguintes características: “Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negra no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade (...) Portanto, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história, na cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como Movimento Negro. É preciso que nas ações desses coletivos se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo” GOMES, 2017, p. 23-24)

Considerações Finais

Este encerramento tem por finalidade elucidar a minha trajetória afro religiosa e como educadora, findando este trabalho de conclusão de curso.

Fui iniciada na nação Jeje e Nagô pelas mãos de mãe Eloí de Xangô Kaô no ano de 2014. Sou filha, protegida e guiada por Oxum Demum e Oxalá de Orumilaia. Entrei oficialmente no culto aos orixás aos 28 anos de idade, mas a minha trajetória mítica vem desde os meus 8 anos de idade, no qual eu acompanhava o meu padrinho Ismael Rodrigues de Ogum nas festas e obrigações religiosas, sendo elas na nação africana e afro-brasileira. Lembro-me nitidamente da devoção e amor que ele tinha pelos orixás, sempre muito atento à comunidade que diariamente visitava o terreiro em busca de algum auxílio ou conselho. Sim, o terreiro do meu padrinho também era um lugar de conversa, minha mãe estava sempre lá para bater papo ou para ajudar nas funções em dias de culto ao sagrado.

Aprendi a respeitar e a ouvir aquilo que não era dito por palavras, mas era sentido nos gestos e movimentos que eu via naquele espaço. Houve vários momentos onde eu pude aprender através do silêncio, da concentração e da imaginação, isso foi crucial para o meu entendimento do culto africano e afro-brasileiro. O orixá Ogum guia do meu padrinho, quando estava manifestado no mundo, nos cobria com uma energia surreal, fazendo-nos pertencentes ao seu panteão, ao seu reino e à sua família. Naquele momento a sensação que tínhamos era indescritível, não há palavras que expliquem aquele sentimento de sermos integrantes de uma família real, onde o rei é Ogum.

As festas nos finais dos cultos, eram simples, mas para e para todos que aquele terreiro frequentavam era como se fosse um banquete, pois lá do pouco faziam muito e todos que estavam presentes levavam para suas casas o nosso famoso mercadinho, que para além de ser a comida repartida, é o axé distribuído entre todos. Agradeço aos orixás pela oportunidade de ter convivido com o meu padrinho Ismael que era mais conhecido como Kungala, foi um grande pai de santo, carnavalesco e amigo da comunidade. Que Olorum em sua infinita sabedoria possa transmitir a ele todo o meu amor, devoção e respeito.

Segui sendo cuidada pela tradição africana quando cheguei aos quinze anos na terreira da mãe Eloí, localizada a mais de 70 anos no bairro Bom Jesus. Lembro que lhe auxiliava nas sessões de segundas-feiras à tarde, onde ela atendia a

comunidade com a orientação da preta velha vovó Benedita. Nestas sessões os moradores buscavam o terreiro como auxílio espiritual, recebendo ajuda através de passes, benzeduras, rezas e orientações. As crianças sempre ganhavam um doce quando iam embora, tornando aquele momento ainda mais acolhedor. Eu também ganhava estes doces, pois estava grávida do meu filho e ele recebia através de mim o axé contido naquele ato de distribuição dos doces.

Ouvi certa vez do professor Jayro Pereira de Jesus que os terreiros desafogam o SUS. Com o tempo compreendi a fala dele. O terreiro é procurado para necessidades que vão desde uma dor de barriga até as necessidades de doenças mais graves. Neste espaço as pessoas recebem orientações dos orixás que lhes auxiliam através dos trabalhos feitos na nossa tradição. Muitas vezes as pessoas precisavam apenas que lhes passassem uma vela ou uma limpeza, às vezes precisavam de uma conversa e orientações espirituais, ou de um trabalho religioso com mais elementos, tudo isso era designado pelos orixás através das entidades de umbanda e quimbanda. Mesmo não sendo iniciada, convivi dentro deste terreiro, aprendendo e fortalecendo ainda mais o meu sentimento de amor e devoção aos orixás.

Ao me iniciar no ano de 2014 pude constatar e viver intensamente tudo o que relatei até agora. O terreiro, a mãe de santo, os padrinhos, os afilhados e os irmãos, são para mim o pilar que sustentam a minha trajetória enquanto mulher preta, mãe, filha e professora. É neste espaço em movimento que me calo para seguir em frente para cumprir o que foi proposto a mim pela espiritualidade, sendo intermediária do conhecimento adquirido de forma oral pelos meus mais velhos e também pelos mais novos. A casa de matriz africana a qual pertença, tem um compromisso muito importante com a comunidade, esta presta serviços de assistência espiritual e social.

A parte espiritual como prestação de serviço, entra no que citei acima na qual a comunidade busca o terreiro como um dos principais recursos de saúde, seja física ou mental. Já a parte social, entra nas ações realizadas por este espaço, no qual desde a sua criação tem ações de acolhimento, distribuição de alimentos, doces e brinquedos, entendo este espaço também como um serviço de convivência, onde fortalecemos vínculos.

A ação está para além do simples ato de prestar serviços. Estas intervenções mostram o quanto os terreiros estão preocupados com a formação biopsicoespiritual

de sua comunidade, auxiliando de forma universal, subsidiando fraternalmente parte das necessidades do coletivo em geral, cumprindo o seu papel com a humanidade.

Ser e estar dentro da tradição africana é, estar constantemente em processo de aprendizagem. Minha mãe de santo tem 89 anos e sempre comentou conosco que até hoje está aprendendo sobre a vida, que até hoje está conhecendo partes da nossa tradição que até então não conhecia, vejamos então o quanto a nossa cultura é vasta dentro da sua filosofia. Somos ricos em conhecimento, em cultura e principalmente em humanidade.

As entrevistas que realizei me deram como presente a oportunidade de escrever sobre quem somos enquanto formadores de sujeitos ativos, no qual a educação é uma das peças fundamentais para que possamos seguir em frente. Enquanto professora busco diariamente estratégias e metodologias que visem a quebra dos preconceitos, sejam eles quais forem. Acredito fielmente na ideia que a criança precisa ser ouvida, entendida e compreendida pela comunidade que tem o papel de criar estratégias para que estas sejam capazes de sair do ser individual para o ser coletivo.

A sala de aula também tem este papel e o dever de entender o contexto ao qual o sujeito pertence para que haja uma conversação entre o ensino regular e a tradição ao qual este pertence. O terceiro entrevistado reitera isso quando fala que, “o ensino tradicional peca muito, temos crianças maravilhosas com aprendizagem fácil, aí quando batem nesses conteúdos formais a criança fica atrasada e não consegue avançar”. Precisamos estar atentos à bagagem de conhecimento que cada criança traz consigo.

Quando minha mãe de santo diz que “existem algumas pessoas brancas na nossa religião, mas a base é negra”, entendo que seja como for, é a nossa tradição negra que será passada por gerações, na qual as divindades são unicamente pretas. Mesmo havendo em alguns terreiros o sincretismo do orixá representado em um santo católico, é a tradição e cultura negra que está sendo fortificada e cultuada, falo de essência! É como disse a segunda entrevistada “Nós não precisamos de nenhuma escritura para sabermos de onde viemos e para onde vamos, pois a palavra escrita é diferente da palavra vivida, isso é a oralidade.”

Não importa quantos séculos se passarão, nós seremos eternizados na história pela nossa trajetória. Somos um movimento constante de resistência e permanência, somos a continuidade dos nossos ancestrais, temos como propósito de vida a

divinação das crianças, para que estas sejam conscientes das suas capacidades, para que quando chegarem na escola, onde ainda há o emparedamento, sejam capazes de entenderem de onde vieram. bell hooks em ensinando a transgredir nos mostra o quanto é importante a escuta ativa dos educandos para a construção de uma educação onde todos os saberes são valorizados.

“A aceitação da descentralização global do ocidente, a adoção do multiculturalismo obrigam os educadores a centrar sua atenção na questão da voz. Quem fala? Quem ouve? E por quê?” (Hooks, 2013, p.57)

Desta forma podemos perceber o quanto a tradição e a prática da oralidade são importantes na vida do educando, pois este poderá contrapor toda e qualquer tentativa do ocidente em desfigurar a nossa história. Sabemos que os livros didáticos ainda servem para o ensino tradicional regular como técnica avançada de colonização. Se para mim que já estava na graduação foi difícil encontrar alguma representatividade, imagina para uma criança que está iniciando sua caminhada na escola? Repito, a criança tem sede de conhecimento e precisa se sentir pertencente.

O terreiro de matriz africana tem o papel de fortalecer a criança. Isso me remete ao que a quarta entrevistada falou, “sou o próprio livro do meu terreiro”, isso quer dizer que a criança irá beber na fonte do conhecimento da liderança do seu terreiro. Isso é muito profundo e complexo, uma vez que a mãe de santo é o livro em movimento da tradição, ela é a extensão de todo o conhecimento que recebeu desde a sua iniciação na tradição africana. Podemos assim compreender a responsabilidade que esta carrega, ela é a divinização e concretização de todos que vieram antes dela e, precisa seguir a risca tudo o que aprendeu para passar em segurança o conhecimento, pois antes da criança aprender na escola formal a palavra escrita para ler tudo o que já foi escrito sobre o desenvolvimento da humanidade, ela vive a própria história sem ser escrita, sem ter que passar por provas que mostrem o quanto aprendeu. A criança no terreiro tem apenas uma obrigação, ser criança!

Entrevistas

Mãe Eloí de Xangô Kaô da nação Jêje Nagô. Entrevista concedida a Stefanni Laís Andrade Lemos. Porto Alegre, x de março, 2022 [A entrevista encontra-se parcialmente transcrita no capítulo "II" desta monografia].

Mãe Elisabete de Oxum Olobá da nação Jêje Nagô. Entrevista concedida a Stefanni Laís Andrade Lemos. Porto Alegre, x de março, 2022 [A entrevista encontra-se parcialmente transcrita no capítulo "II" desta monografia].

Mãe Helenara de Iemanjá da nação Jêje Nagô. Entrevista concedida a Stefanni Laís Andrade Lemos. Porto Alegre, x de março, 2022 [A entrevista encontra-se parcialmente transcrita no capítulo "II" desta monografia].

Pai Breno de Oyá da nação Cabinda. Entrevista concedida a Stefanni Laís Andrade Lemos. Porto Alegre, x de março, 2022 [A entrevista encontra-se parcialmente transcrita no capítulo "II" desta monografia].

Tamboreiro Luís Cláudio de Oxalá da nação Jêje Nagô. Entrevista concedida a Stefanni Laís Andrade Lemos. Porto Alegre, x de março, 2022 [A entrevista encontra-se parcialmente transcrita no capítulo "II" desta monografia].

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AZEVEDO, Amailton Magno. *Sambas, quintais e arranha-céus: as micro-áfricas em São Paulo*. São Paulo: Olho d'água, 2019.

ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2004.

COELHO, Wilma de Nazaré; COELHO, Mauro Cezar. *Os conteúdos étnico-raciais na educação brasileira: práticas em curso*. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 47, p. 67-84, 2013.

DANTAS, Luis Thiago Freire. *Filosofia desde África: Perspectivas Descoloniais*. Tese de Doutorado, UFPR: Curitiba, 2018.

- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 27-39.
- HAMPATÉ BÂ. Amadou. A Tradição Viva. In. KI-ZERBO, Joseph. (Org.) *História Geral da África*. Vol I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.
- hooks, bell. *Intelectuais Negras*. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 3, nº2, Florianópolis, UFSC, 1995, pp. 464-478.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir, a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco. “O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas”: Dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.
- LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra e ideologia do recalque*. Salvador: EDUFBA, 2011.
- PEREIRA, Gabriel. KINDEZI. *THE KONGO ART OF BABYSITTING*: contribuições da cosmologia bakongo de Bunseki Fu-Kiau para pensar a educação de crianças. 2021, 33 páginas. Trabalho de conclusão de curso- Pedagogia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2021.
- POLLAK, Michael. *Memória, Silêncio, Esquecimento*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- PÓVOAS, Ruy do Carmo. *A fala do santo*. Ilhéus: Editus, 2007.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*, primeira edição. São Paulo: Companhia das letras, 2001.
- SODRÉ Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis-RJ, editora Vozes, 2012.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. *Desafricanizar o Egito, embranquecer Cleópatra: silêncios epistêmicos nas leituras eurocêntricas sobre o Egito em manuais escolares de História no PNLD 2018*. *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, [S. l], n. 10, p. 26–63, 2017.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães Pinto; DECHEN, Chaia; FERNANDES, Jaqueline (Orgs.). *Griôs da diáspora negra*. Brasília-DF, Griô, 2017.
- WEST, Cornel. “The dilemma of the Black Intellectual” (O dilema do intelectual negro). In.: *The Cornel West: reader*. Basic Civitas Books, 1999, p. 1-15. (Tradução e notas de Brulino Pereira de Santana, Guacira Cavalcante e Marcos Aurélio Souza).

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In. KI-ZERBO, Joseph. (Org.) *História Geral da África*. Vol I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.

Anexo I - Fotos das atividades do terreiro prestando serviços à comunidade desde sua fundação.



Natal das crianças com a Vovó Benedita¹⁸



Mesa de Ibeji¹⁹



Distribuição de doces e brinquedos



Natal das crianças



Mãe Eloí com o papai Noel na festa de natal



Distribuição de doces, cestas básicas e brinquedos

¹⁸ Entidade na linha de pretos velhos da umbanda.

¹⁹ Divindades crianças.



Crianças da comunidade na frente do terreiro



Esta placa ainda está na frente do terreiro desde sua fundação ainda como centro espírita



Mãe Eloí representação pura do terreiro em movimento



Mãe Eloí e eu em mais uma etapa do meu renascimento na nação Jêje Nagô

Anexo II - Termos de consentimentos de pesquisa

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa.

Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Helomica Couto Kloos
Nome do participante

[Assinatura]
Assinatura do participante

Porto Alegre, 03 de abril de 2022
Local e data

Coordenador(a) da pesquisa

Contatos:

Dados da pesquisadora: Stefanni Laís Andrade Lemos- graduanda em pedagogia pela faculdade de Educação-UFRGS.

E-mail: stefanni28@mos@gmail.com

Fone: (51) 984296902

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa.

Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Luis Claudio Brito da Costa

Nome do participante



Assinatura do participante

Porto Alegre, 03 de abril de 2022

Local e data

Coordenador(a) da pesquisa

Contatos:

Dados da pesquisadora: Stefanni Lais Andrade Lemos- graduanda em pedagogia pela faculdade de Educação-UFRGS.

E-mail: stefano28lemons@email.com

Fone: (51) 984296902

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa.

Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Eloi Mousica da Conceição

Nome do participante

Eloi Mousica da Conceição

Assinatura do participante

Porto Alegre, 17 de fevereiro de 2022

Local e data

Coordenador(a) da pesquisa

Contatos:

Dados da pesquisadora: Stefanni Laís Andrade Lemos- graduanda em pedagogia pela faculdade de Educação-UFRGS.

E-mail: stefanni28lemons@gmail.com

Fone: (51) 984296502

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa.

Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do participante

Assinatura do participante

Elisabete Proli de Azevedo

Local e data

Senso

Coordenador(a) da pesquisa

Contatos:

Dados da pesquisadora: Stefanni Laís Andrade Lemos- graduanda em pedagogia pela faculdade de Educação-UFRGS.

E-mail: stefanni28lemons@gmail.com

Fone: (51) 984296902

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que participe desta pesquisa.

Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Brenoda Silva Laurinda

Nome do participante

[Assinatura]

Assinatura do participante

Porto Alegre, 16 de Novembro de 2012

Local e data

Coordenador(a) da pesquisa

Contatos:

Dados da pesquisadora: Stefanni Laís Andrade Lemos- graduanda em pedagogia pela faculdade de Educação-UFRGS.

E-mail: stefanni28lemons@gmail.com

Fone: (51) 984296902